

EACH - SUS5019 – 07Mai21

Protocolante: Gabriela Cardia Briganti

Texto 1: BOURDIEU, Pierre. O campo econômico. **Política & Sociedade**, v. 6, n. 6, p. 15-58, 2005.

Texto 2: FLIGSTEIN, Neil; MCADAM, Doug. Th e Gist of It. **A theory of fields**. Oxford University Press, 2012. P. 3-33 [capítulo 1]

Texto 3: CANDIDO, Silvio Eduardo Alvarez et al . Campos nos estudos organizacionais: abordagens relacionais?. **Gest. Prod.**, São Carlos , v. 25, n. 1, p. 68-80, mar. 2018

RELATORA: ANA CAROLINA

Considerações sobre Bourdieu

- Bourdieu foi um pensador francês (filósofo de formação, mas com contribuição em diversos campos da antropologia e sociologia – impactando na cultura, educação, etc), tendo como importante contribuição o construtivismo estruturalista ou estruturalismo construtivista, tendo como base os conceitos de campo, habitus e capital.
- Complexidade bastante grande – trouxe grandes mudanças e faz análises complexas e dialéticas – o que é objetivo e subjetivo. Não há uma delimitação e dentro disso ele constrói uma tríade onde no campo está contido o habitus e o capital .
- Trata das relações sem delimitação, é dialético.
- Habitus: formado pelo agente social e estrutura mediada
- As disposições econômicas fundamentais são endógenas e não apenas exógenas, tirando o olhar externo.
- O campo econômico está mais ligado as regras do jogo, tem tanto fins quanto meios e se difere da economia neoclássica, sendo mais fluido.
- Bourdieu coloca a empresa como um campo, a estrutura e a concorrência.
- Conceito Intelectocêntrico, onde no conceito de habitus, ele rompe com questões cartesianas, buscando olhar o todo.
- Exemplo da casa própria – do conceito ao exemplo prático – o que é importante para um não é para outro.
- O campo econômico com um olhar sociológico, sendo o um campo de lutas com o uso de conceitos do mundo mercadológico - price makers, price takers, etc.

- Teoria da ação racional – trata de uma epistemologia – também uma crítica ao cartesianismo.

A economia política está menos preocupada com o mundo real. Não é nada além de olhar para as Ciências Sociais e olhar a economia como ciência histórica.

Considerações sobre Fligstein e McAdam

São pesquisadores pertencentes a Berkeley e Stanford, respectivamente, mais contemporâneos que Bourdieu.

No capítulo 1 do livro *Teoria dos Campos* abordam “a essência da coisa” onde comentam que todos querem entender as regras do jogo e a essência dos atores. Os autores analisam estudos passados e demonstram seus progressos, unindo a sociologia com estudos empíricos. Buscam tratar de uma maneira mais assertiva e empírica- tratando não apenas do macro, mas as relações macrosociais.

Crítica Powell e Dimaggio: no institucionalismo histórico há uma problemática na sociologia que não se integra em uma teoria sistemática.

Reconhecem que as pessoas estão em estruturas sociais de concepção tradicional, dando pouca margem de manobra para agir autonomamente e os torna inteiramente sujeitos ao controle das forças sociais Exemplo: patriarcado.

Foco da teoria dos campos: para entender os processos de mudanças sociais é preciso entender como os campos são criados e mudam. Buscam uma convergência para uma visão teórica unificada da ação coletiva estratégica baseada no campo.

07 elementos que compõe a teoria:

1. campos de ação estratégica
2. titulares, desafiadores e unidades de governança
3. habilidade social e as funções existenciais do social
4. o ambiente de campo mais amplo
5. choques exógenos, rupturas de campo e o início da contenção
6. episódios de contenção
7. acordo

Exemplifica o 5 - trata do caso de Rosa Parker: uma mulher negra que foi presa em 1955 em Montessouri, Alabama, porque se negou a sair de um assento destinado a branco. Ela mobilizou a comunidade a seu favor. Relaciona com a importância dos laços fracos para conectar-se com diferentes grupos.

Comparação com outros autores

Ao se compararem com Bourdieu, Fligstein e McAdam entendem que falta empirismo, embora tenha aparato teórico forte. Os autores acreditam que o próprio Bourdieu ia gostar da teoria dos campos se a conhecesse.

Guiddens: reimagina o mundo e trazer mudança social, mas falta estratégia.

Teoria dos movimentos sociais: é uma teoria usada na teoria dos campos, mas como crítica falta entendimento de processos.

CORRELATORA: LARISSA

Considerações sobre Cândido:

Busca mostrar as lentes teóricas do institucionalismo, Bourdieu e da Teoria dos Campos Estratégicos.

Bourdieu: foca na análise dos capitais valorizados, sendo estes múltiplos – capital econômico, social, cultural e simbólico.

Ao olhar a definição do escopo do campo: O institucionalismo sociológico como uma análise mais ampla incluindo todos atores como relevantes para análise enquanto o campo de ação estratégica com uma lente mais estreita definindo pela identidade e valor atribuído aos recursos. Só pode fazer o comparativo com os agentes se você de fato entende todo o entorno deles.

Considerações sobre Bourdieu

Enfoque no efeito da relação dos agentes e do poder desses agentes. Nada mais é que as pressões da estrutura do campo, sobre o conjunto de agentes engajados. Manda mais quem tem mais poder. Quem impõe as regras do jogo e seus próprios limites.

Particularidades do campo na visão de Bourdieu: as visões estruturais, conhecimento (desigualmente distribuído) as pressões do campo estão concentradas em quem determina esse jogo de poder por razão das pessoas que determinam as relações de poder e alocação de recursos. Detém o conhecimento e posições dominantes.

A liberdade econômica é uma condição da liberdade política.

Campo e equilíbrio: *price taker*, *price maker*, ocorrem de uma determinação automática e mecânica de preços e mercados entregues a uma concorrência sem pressão para quem determina, mas não sem pressão para o campo.

O campo de lutas é uma disputa de poder construída para que os agentes que estão em disputa por recursos.

Os agentes dependem da posição que ocupam no espaço e conquistam o espaço no campo.

Dentro do ambiente de espaço de disputa de poder existem estratégias que dependem da forma e estrutura do campo e configuração dos poderes.

O agente que tem mais poder tem sempre o objetivo de manter a sua dominação, de acordo com o capital simbólico do qual dispõe que permite intimidar seus concorrentes ou emergentes no campo, levando a um ciclo vicioso de dominação.

Tipos de ataque:

- Ataques frontais de baixo custo ou inovação tecnológica.
- *Market leaders* tem mais robustez e maior dificuldade de inovação.
- As empresas secundárias podem atuar dentro dos nichos.

Papel do estado na formação do campo: tem um papel preponderante de regulador, mantém a ordem e segurança do mercado. Responsável pela demanda e pela oferta. Existe uma disputa no campo de quem influencia melhor o estado, por exemplo conseguem melhores incentivos junto ao estado. Exemplo casa própria: Estado como regulador de demanda oferecendo taxas menores, tendo um mercado aquecido para financiamento, incentivo para as empresas que atuam na construção civil.

Relação entre micro e macro: As empresas não dependem apenas das estratégias que elas ocupam dentro do campo, mas também da posição de poder dos seus agentes assim como dos seus dirigentes.

CORRELATORA 2: LETÍCIA

Considerações sobre Bourdieu

Habitus: trata da subjetividade socializada, tentando quebrar a dicotomia, o indivíduo está socializado pela estrutura e campo. O habitus determina categoria de apreciação e referência do que está sendo compartilhado. É um produto da história coletiva e individual.

Campo: é o próprio jogo. Os próprios agentes constituem o campo assim como o campo é constituído pelos agentes (micro e macro, dialético)

Capital: trata das relações de poder estruturada de forma desigual, sendo econômico, simbólico, cultural e social.

Bourdieu x Granovetter

Granovetter vê a ação do campo econômico imersa no social, já Bourdieu interpreta que a própria ação econômica é uma ação social.

Bourdieu não é interacionista ele critica Granovetter que trata de uma multidão de atores interagindo – deixando de lado as relações de poder. Ele não traz uma teoria, mas uma metodologia – um interacionismo metodológico.

Bourdieu x Fligstein e McAdam

- a) Bourdieu é mais crítico ferrenho dos institucionalistas, enquanto a teoria dos campos estratégico procura fazer uma síntese mais robusta dos campos de ação

estratégica, desmembrando as unidades fundamentais de ação coletiva – espaço de ação coletiva dos atores que interagem e compartilham determinados entendimentos, o habitus opera conjuntamente.

- b) Ação de incumbentes e desafiadores – traz como as relações de poder demarcam o campo por quem domina as regras e por quem tem menos poder e que em algum momento podem por visões alternativas transformar o campo. Bourdieu vê a ação dos incumbentes mais fortes enquanto Fligstein e Mcadam têm uma visão maior dos desafiadores e das mudanças no campo.

COMENTÁRIOS DOS DIRETORES

História de Bourdieu

SYLMARA: Bourdieu como francês intelectual vindo de origem camponesa usa sua linguagem para marcar posição. Ele se representava simbolicamente como ele escrevia seu pensamento em vários ofícios. Bourdieu estudou o poder simbólico de um mercado de sedução da publicidade em relação aos mercados convencionais. É preciso ter cuidado ao ler Bourdieu e fazer relações com a linha de marketing: essa associação pode trazer leituras apressadas da relação entre mercado, estado e sociedade, pois seu ponto de vista é de fato sociológico. Ele entende a questão espaço, da arena do indivíduo – está muito preocupado com o indivíduo em sociedade.

TÂNIA: Aborda as diferentes linguagens de Bourdieu ao mencionar a revista Recherche – trata do senso da propriedade ao conta a história de antigos proprietários que passavam propriedades de pai para filho em Paris, mas em um dado momento não há mais interesse por parte dos filhos em manter essa propriedade. O capital simbólico das propriedades não tem significado e essas propriedades são vendidas a novos ricos, que, por sua vez, formam um novo capital cultural. É um estudo empírico para mostrar a construção social dos novos proprietários.

Bourdieu foi rejeitado na academia francesa e quer mostrar para seus pares de que ele é capaz e quem entender sua linguagem é digno.

...

SYLMARA: Fligstein e Macadam avançam em uma proposta um pouco além do Bourdieu:

- a) trazem a lógica do campo também para a ação coletiva – fato que Bourdieu não tocou. MacAdam é originário da teoria de movimentos sociais.
- b) operacionalizam metodologicamente várias perspectivas de campo e como entender esse campo de disputa, a posição dos atores, quem são os atores, o que está em jogo. Diferencia do Granovetter pois não trata só da interação, mas do relacional, em que o campo só existe se os atores se reconhecem.

Conceito de campo

ALEXANDRE: Campo não é sinônimo de mercado. Nós devemos entender o campo como forma relacional de conceber a estrutura, que por sua vez precisa operar de forma articulada com as concepções de ação e poder. A estrutura que guia as ações são as instituições.

A estruturação é um processo que deriva das estruturas já vigentes e da agência dos atores sociais. Os atores sociais têm capacidade de agência. Não é mero reflexo do passado, embora impacte, mas além dele há interdependência com campos vizinhos e da ação dos próprios atores sociais. Não é nem sub nem super socializado.

Fligsten e Mcadam se originam a partir de uma abordagem das ciências naturais explorada por Cassirer, é um espaço onde os atores se reconhecem onde um influencia no outro, como em um campo gravitacional. Há interesses e disputas, cooperação, conflito.

Abordagem relacional

TANIA: É importante entender a questão relacional. Relacional em relação a que? Para Bourdieu, em relação a posições no campo que devem ser reconhecidas uma em relação a outra. E essas posições de atores que alternam e modificam a estrutura. É preciso reconhecer o ator e sua posição dentro do campo.

Fligstein e Mcadam adotam uma posição interacionista, enquanto Bourdieu a critica. O campo é formado a partir do reconhecimento dos atores de que há um jogo sendo jogado e que esse jogo é comum. Bourdieu não acha que é partir da expectativa de comportamento do outro é que vai ter um reconhecimento do campo. Ele é formado a partir das ações dos atores, de estruturas construídas socialmente e de poder. Não trata de expectativas de comportamento de outro ator.

Considerações sobre habitus

TÂNIA: Está relacionado com a própria cognição. O habitus dá estrutura cognitiva para os agentes interpretarem as ações dos outros

ALEXANDRE: O habitus trata de como construímos nossa visão de mundo. Ele possui uma parte que é consciente e uma parte que é inconsciente. Ele é formado pela história do indivíduo em convivência com a coletividade. A alteração da estrutura se dá pela mudança dos capitais descritos por Bordieu, que acabam sendo os meios para a formação da estrutura.

Diferentes concepções de campo

TÂNIA: A abordagem de campo é relacional nas duas visões, tanto de Bourdieu quanto de Fligstein e Mcadam, porém Fligsten entende as relações a partir de um interacionismo simbólico, ou seja, existe um campo desde que haja um entendimento comum do que está em jogo, que os jogadores se reconheçam e que haja um entendimento comum das regras.

Já Bourdieu diz que existe um campo relacional a partir da existência de posições que se alteram, da mudança das posições dentro do campo, cita que há regras. Para Bourdieu o campo é o jogo, contudo ele não trata da questão do reconhecimento dos atores sobre essas relações.

O capital simbólico se mantém?

ALEXANDRE: Depende. Se é um capital simbólico interno, como quando um ator perde uma posição de presidência de um sindicato, o capital se esvai. Ao mesmo tempo se surgirem várias centrais representativas, a influência social de cada um também se modifica, ficando menor.

O capital simbólico tem uma construção lenta e difícil, pois é necessário ser legitimado para conquistar tal capital, contudo sua desconstrução é rápida, basta uma denúncia de plágio, por exemplo, para que ele se esvaia rapidamente.

Os capitais são a estrutura do campo e quando esses capitais mudam, a estrutura do campo muda, com a ação dos agentes. O campo é formado por capital e habitus.

Existe a tentativa de reprodução dos capitais em campos distintos, como por exemplo, o *Google* ser desafiante em um campo de sistemas de computadores e utilizar seu capital simbólico para adentrar esse campo.

TÂNIA: Pela visão do Bourdieu, o capital simbólico pode sim mudar, assim como todos os outros capitais. Essa modificação dos capitais depende do poder dos agentes é o que define o quanto do capital pode ser mudado dentro do campo. São essas mudanças que alteram a estrutura do campo. Essa característica é que distingue a visão de campo da visão de mercado, onde o entendimento de capital está focado no lucro.

Ator x Agente

Ator: em mais consciência sobre suas ações, ele pode fazer mudanças no campo com atores que tem o mesmo interesse, há uma ação mais coletiva)

Agente: está dentro das estruturas sociais emoldado por elas, faz uma mudança mais individualizada. Advindo da teoria da agência, com uma visão neoinstitucional, onde consideram o agente como uma máquina de calcular, capaz de fazer previsões e pensar nas estratégias possíveis, com base no que o outro tomaria. São agente racionais.

Para Bourdieu, o agente está muito ligado ao habitus. É formado a partir da sua história, interação com o coletivo, conhecimentos.

Para Giddens, o agente é capaz de tomar uma ação, mas não necessariamente tem a intenção de tomar a ação.

Mesonível

Todos os textos atuam em relações de mesonível – relações entre as organizações, sendo que podem ser classificadas também:

- Micronível: pessoas (atores sociais individuais);
- Macronível: constitucional (onde as grandes normas são estabelecidas, como leis e instituições);
- Metanível: disputas de visões de mundo, disputas de habitus.